

PESQUISA

Ascensão social para 32 milhões

Cerca de 32 milhões de brasileiros ascenderam de classe social entre 2003 e 2008, e passaram a integrar as classes A, B e C, indica estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) baseado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). A melhoria na renda do brasileiro foi um dos pontos fundamentais para que o potencial de consumo aumentasse 14,98% neste intervalo de tempo.

Ao mesmo tempo, 20,9 milhões de pessoas deixaram a parcela mais pobre da população, migrando das classes D e E. Somente na classe E,

deixaram de figurar 19,5 milhões de brasileiros, o que representou uma retração acumulada de 43% entre 2003 e 2008.

"A Pnad coroa um ciclo de cinco anos de melhorias nos indicadores sociais. A meta do milênio tem como objetivo reduzir a pobreza em 50%, durante 25 anos. O Brasil fez quase isso em cinco anos", afirmou o coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri.

MENOS POBRES

Somente de 2007 para 2008, 3,8 milhões de pessoas deixaram a classe

E. Somada a classe D, foram 4,6 milhões de brasileiros. Já a classe C, designada também como classe média, ganhou mais 5,2 milhões de pessoas em 2008. Já a classe AB teve entrada de 1,7 milhão de pessoas no último ano.

Pelos critérios da FGV, compõem a classe AB quem tem renda domiciliar superior a R\$ 4.807; entre R\$ R\$ 1.115 e R\$ 4.806, estão os integrantes da classe C; com renda domiciliar de R\$ 768 a R\$ 1.114, estão o brasileiros da classe D; e finalmente, quem tem renda domiciliar inferior a R\$ 768 está na classe E.

De acordo com o estudo, a renda do trabalho explica 66,86% da queda da desigualdade entre 2008 e 2001. O Bolsa Família responde por 17%, a renda de previdência 15,72% e transferências privadas por 0,50%.

DESIGUALDADE EM QUEDA

No período, os 10% mais pobres da população brasileira tiveram aumento de renda de 72,45%, enquanto para os 10% mais ricos, esse crescimento de renda foi de 11,37%. O restante da população, também dividido em grupos de 10%, também mostrou maior alta da renda quan-

to mais pobres eram. Para Néri, "esta é a década da redução da desigualdade de renda".

Néri considera a renda do trabalho superior a de transferências governamentais "até para a satisfação pessoal" de quem recebe. Dentro dos programas sociais, porém, defendeu o Bolsa Família como o melhor para reduzir a desigualdade porque atinge realmente os mais pobres. Ele classificou o mercado interno e o Bolsa Família como dupla de ataque contra a crise: "O Pelé é o mercado interno e o Tostão é o Bolsa Família."